

## Questões de tradução: fundamentos teóricos

Conforme explicitado na Introdução, este trabalho tem por objetivo estudar parte da obra de Elizabeth Bishop traduzida no Brasil, utilizando o modelo teórico dos Estudos Descritivos da Tradução (DTS). Definimos como repertório a ser estudado os textos e poemas de temática brasileira, em particular aqueles que se relacionam de alguma forma com o cenário amazônico.

Esta pesquisa também busca subsídios em Carvalhal (1986) e Brunel *et al* (1995), estudiosos da literatura comparada, para destacar a importância da poética amazônica de Elizabeth Bishop e suas interfaces em relação a outros textos literários escritos por autores estrangeiros e locais sobre a Amazônia. Com relação à relevância dos Estudos da Tradução para a Literatura Comparada, Carvalhal destaca:

Vários aspectos das relações interliterárias passaram a ser analisados sob outra óptica e com outros objetivos, os estudos sobre tradução ganharam uma posição central na reflexão comparativista e os trabalhos sobre história literária tomaram novas direções. [...] Outros campos da investigação comparativista também progrediram com o reforço teórico, entre eles o das relações interdisciplinares. Literatura e artes, literatura e psicologia, literatura e folclore, literatura e história se tornaram objeto de estudos regulares que ampliaram os pontos de interesse e as formas de "pôr em relação", características da literatura comparada (1986, p.74).

Em “De traduções, tradutores e processos de recepção literária”, Carvalhal (2000) reafirma a importância do diálogo entre os Estudos da Tradução e a Literatura Comparada, citando Susan Bassnett e George Steiner:

A par de sua função de instrumento a serviço de um acesso a outras literaturas, a tradução adquire um estatuto próprio e ganha, no campo das pesquisas comparatistas, um lugar de relevo. Susan Bassnett em seu livro *Comparative literature: a critical introduction* (1991) insiste na centralidade desses estudos em literatura comparada, fazendo convergir de tal maneira as duas orientações que, em sua perspectiva, o comparatismo se encontra quase sinônimo de uma teoria da tradução. [...] Em estudo posterior, intitulado "What is comparative literature?" (1995), [...] George Steiner vê a literatura comparada como uma herdeira de Babel e, em consequência, o estudo das traduções toma-se indispensável e prioritário neste domínio da investigação literária (p.86).

Os escritos amazônicos de Bishop também podem ser estudados no âmbito dos Estudos Culturais. Na medida em que, como viajante, Bishop escreveu uma crônica (“A trip to Vigia”) e cerca de trinta cartas<sup>3</sup> com comentários sobre a viagem. Nesse sentido, Bishop desempenha dois papéis importantes – poeta e viajante, ambos relevantes para o estudo da representação cultural da Amazônia. Pois, são raros os textos desse gênero na década de sessenta. Em especial por terem sido escritos por uma viajante estrangeira. Naquela época, na Amazônia, ainda não havia um turismo consistente. Os estrangeiros que circulavam pela região tinham outros objetivos: negócios, evangelização ou pesquisa científica, por exemplo.

Para explicar esse fenômeno interdisciplinar entre tradução, literatura comparada e estudos culturais, recorreremos aos teóricos dos Estudos Culturais Pós-coloniais Octavio Ianni (2003) e Mary Louise Pratt (1992), assim como André Lefevere e Anthony Pym (2010), pesquisadores dos Estudos da Tradução. Em 1984, Lefevere delineou as seguintes premissas:

I have three basic points to make. One is that the comparison between original and translated texts can give us valuable insights into the constraints under which works of literature are produced. The second, that this same comparison can tell us much that lies at, or certainly near the center of comparative literature, namely the strategies a given culture uses to admit, embrace, integrate, screen out, refuse, reject what other cultures have to offer. The third has to do with the function of translated literature within the wider framework of the literature a culture consider its own<sup>4</sup> (p.142).

Não por acaso, Itamar Even-Zohar, ao elaborar a sua Teoria dos Polissistemas (da qual falaremos mais a frente), posiciona a literatura de uma nação dentro de um sistema mais complexo – o sistema cultural. Nesse momento, interessa-nos destacar o caráter dinâmico desse sistema, na medida em que a literatura constitui um sistema que interage internamente com outros sistemas em

---

<sup>3</sup> Ver quadro no anexo 1.

<sup>4</sup> Tenho três pontos básicos a observar. O primeiro é que a comparação entre textos originais e traduzidos possibilita-nos *insights* valiosos sobre as restrições a que as obras literárias são submetidas durante a sua produção. O segundo ponto a ser observado é que esse mesmo método comparativo pode ser utilizado na literatura comparada para mostrar-nos muito do que se encontra no centro ou ao menos próximo ao centro da literatura comparada, ou seja, as estratégias utilizadas por uma dada cultura para admitir, acolher, integrar, afastar, recusar, rejeitar o que outras culturas têm a oferecer. O terceiro ponto refere-se à função da literatura traduzida dentro do cenário mais amplo da literatura que uma cultura considera como sua.

meio a um sistema cultural mais amplo. Daí decorre a importância da perspectiva culturalista dessa aproximação.

Desse modo, a literatura traduzida toma importância quando está intrinsecamente relacionada com outros elementos que, igualmente, fazem parte do sistema e definem a sua importância e a sua identidade em relação a outros sistemas de uma dada cultura. Da mesma forma que os sistemas de literatura, nacional ou traduzida, se relacionam com outros sistemas dentro e fora do sistema cultural, os Estudos da Tradução também se relacionam com outras áreas do conhecimento. De acordo com Sophie Levie (2007):

When foreign literary works cross the border of their own language and culture, they do so by means of translation, because they are read by members of the other language community, or because mediators introduce them by reference, review or recommendation. Entering another language and culture means that a process of transfer takes place that makes the initial reception different from works in the own language. A range of social mechanisms play a role in the struggle for being noticed, affirmed and established in the dynamic interlingual exchange of literary production. In order to integrate the various factors and mechanisms involved, such as the translation history, the critical reception, the changing book market, the strategies of publishers and other mediators, the role of social, economic and political contexts etcetera, the advancement of a complex theoretical and methodological framework is required. Theoretical outlines have been developed in the sociology of culture, translation studies and literary reception theory, however, these theories have partly stayed apart from each other or have not led to the integration of theory and systematic research<sup>5</sup> (p.1).

Essa interdisciplinaridade, a qual Levie (2007) se refere, é proporcionada pela própria natureza dos DTS, que permitiu que o estudo da tradução atravessasse a barreira das pesquisas restritas à área da língua e da linguagem para ampliar e atrair outras áreas do conhecimento, sobretudo a teoria literária, a sociologia, a psicologia, a filosofia e a linguística aplicada. Entretanto, nem

---

<sup>5</sup> Obras literárias estrangeiras atravessam as fronteiras de sua própria língua e cultura por meio da tradução. Essa travessia se dá, ou por já serem conhecidas pela outra comunidade linguística ou por meio de intermediação, referências, recomendações ou críticas. Entrar, por meio da literatura, em outra cultura significa que um processo de transferência inicial ocorre, fazendo com que a recepção dessa obra seja diferente em relação às obras da cultura alvo. Vários mecanismos sociais tomam parte na “luta” por reconhecimento, afirmação e estabelecimento nessa troca interlingual da produção literária. Para que possa ocorrer a integração desses vários fatores e mecanismos envolvidos: o histórico da tradução, a recepção da crítica, o dinamismo do mercado editorial, as estratégias das editoras, o papel social, o contexto político econômico etc., é necessário que ocorra um avanço do quadro metodológico. Avanços nesse sentido ocorreram dentro da Sociologia da Cultura, dos Estudos da Tradução e da Teoria da Recepção. Porém, essas teorias ficaram afastadas uma das outras ou não promoveram uma integração para a sistematização entre a pesquisa e a teoria.

sempre foi assim, visto que para se chegar ao momento atual, a área dos Estudos da Tradução (ou a concepção destes) experimentou, ao longo de séculos, vários estágios que serviram como um processo de amadurecimento da disciplina.

Vejamos em um gráfico representativo como as várias áreas citadas por Levie (2007) deveriam estar relacionadas:

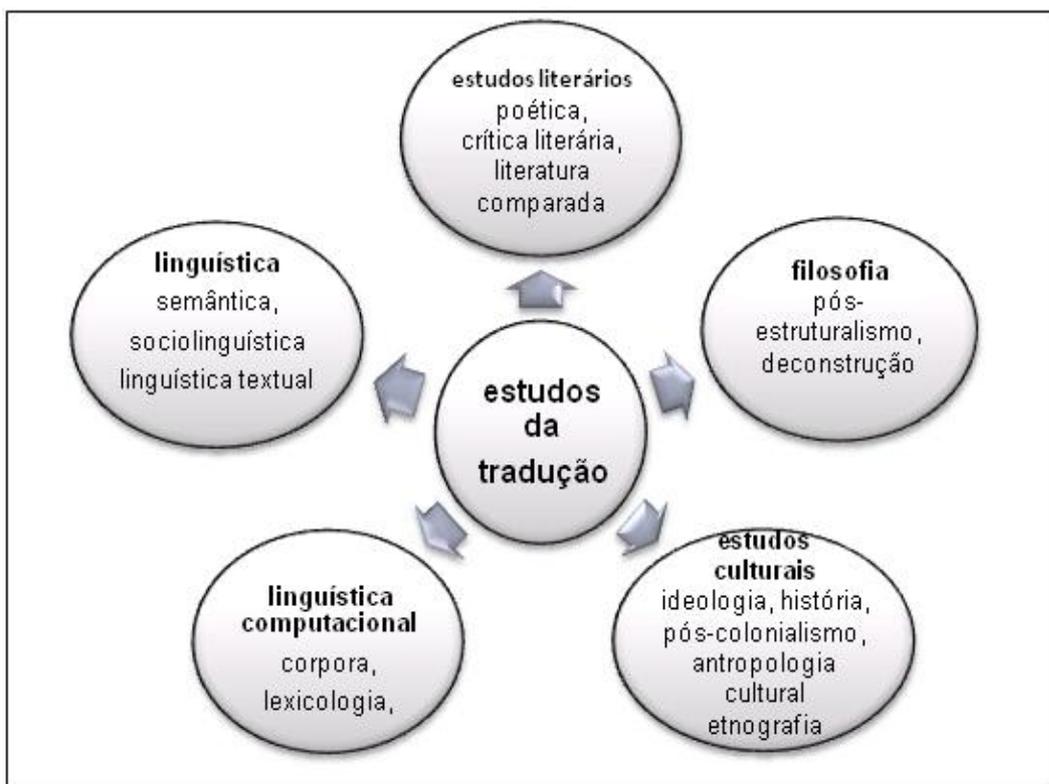


Gráfico 01 – Sistema de estudos de tradução, baseado em Hatim & Munday (2004, p.8).

## 2.1

### Breve histórico pré-sistêmico dos Estudos da Tradução

A tradução é uma atividade que nos acompanha desde que a necessidade de comunicação entre os povos, diante da multiplicação das línguas, a tornou imperativa. Desde a antiguidade clássica (Cícero no século I a.C.) discutem-se os conceitos de equivalência e fidelidade no processo tradutório. A questão da fidelidade na tradução leva-nos à análise de alguns conceitos importantes que, ainda, na atualidade são objetos de estudo e debate. Concepções antigas e

contemporâneas de língua, de significado, de sujeito, de tradução e de reescrita convivem até os dias de hoje.

Até o início do século XX, as concepções dominantes de língua e de significado eram essencialmente universalistas, embora, para muitos, ainda o sejam. A tradição universalista é encontrada em escritos de pensadores como Platão e Locke. Para Platão, um universalista realista, a língua representava “as coisas do mundo”: uma representação do mundo natural. Para o universalista mentalista, como Locke, a língua refletiria as ideias universais inatas na mente do falante, como explicita George Mounin:

Julgara-se durante muito tempo [...] que as estruturas da linguagem resultavam mais ou menos diretamente das estruturas do universo (por um lado) e das estruturas universais do espírito humano (por outro lado). Havia nomes e pronomes nas línguas porque havia seres no universo, verbos nas línguas porque havia processos no universo, adjetivos nas línguas porque havia qualidades dos seres no universo; advérbios nas línguas porque havia qualidades dos processos e qualificações das próprias qualidades, no universo; preposições e conjunções porque havia relações lógicas de dependência, de atribuição, de tempo, de lugar, de circunstância, de coordenação, de subordinação, tanto entre os seres, como entre os processos, e como entre os seres e os processos no universo. (Mounin, 1975, p. 48)

É perceptível nessa forma universal de “ver” o mundo o conceito de nomenclatura, que concebe a leitura como um processo passivo de decodificação. O escritor, por sua vez, é o ser genial, ativo. Ao tradutor resta o papel de decodificador, que mantém uma atitude passiva perante o texto a ser traduzido. Na essência, a tradução deveria meramente substituir termos de uma língua **A** por termos equivalentes e idênticos de uma língua **B**. Como observa Mounin:

Traduzir era exprimir a capacidade em litros de um tonel pela sua capacidade em galões; tratava-se sempre, porém, da mesma capacidade, fosse ela expressa em litros ou em galões; tratava-se realmente, segundo se acreditava, da mesma realidade, da mesma quantidade de realidade que era expressa nos dois casos (Mounin, 1975, p. 49).

A visão universalista de mundo, das coisas e das ideias, não vê o significado como uma construção linguística social. Nessa concepção, sociedade e cultura – com todas as diversidades que lhes são características – não são levadas em consideração. Como bem nos coloca Mounin, nessa perspectiva “as línguas

deviam comunicar-se dentro de um mesmo universo, de uma mesma experiência humana, sem reconhecer as diferenças de cada uma” (p. 49).

Acreditamos que essa concepção universalista já tenha deixado os meios acadêmicos, mas, ainda, permaneça no senso comum, no qual o pensamento universalista perdura pelas mesmas razões de séculos passados, quando a tradução era vista como simplesmente um ato mecânico e nada mais. Sobre o papel do tradutor, de acordo com essa ótica universalista, Maria Paula Frota diz que, “para o senso comum, o bom tradutor, fiel, é aquele que se mantém neutro, que não interfere na mensagem e na intenção originais” (2000, p. 26).

Deve-se a Wilhelm von Humboldt, no século XIX, o resgate do pensamento relativista que já estava presente na antiguidade. Ele acreditava que “o estudo das línguas era parte de um grande projeto antropológico e que deveria ser realizado de acordo com princípios históricos e culturais” (Willens, 2006, p. 423). Essa particularidade da concepção humboldtiana de língua teve um papel decisivo para a Linguística – uma nova ciência que tomava corpo na área dos estudos de língua no início do século XX – por meio da teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure.

Com o relativismo linguístico inicia-se uma nova fase nas concepções acerca de língua e tradução. Como comentamos antes, o pensamento universalista tem suas raízes na antiguidade clássica com Platão e o relativismo também. A primeira manifestação dissidente ao universalismo vem do sofista grego Protágoras, que é citado por Platão: “A maneira como as coisas se apresentam a mim, é a maneira como elas existem para mim e a maneira como as coisas se apresentam a você, é a maneira como elas existem para você”. (Platão *apud* Rodriguez, 2007, p.27-37)

Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da linguística moderna, estabelece um novo conceito de língua que a apresenta como um sistema. A teoria saussuriana estabelece que as línguas diferem entre si e que os significados não são dados pela natureza, mas construídos de acordo com as diferenças culturais de cada sistema linguístico.

A concepção social de língua permitiu entender que se elas diferem em termos de significação, falar uma língua é pensar um mundo diferente. Sobre essa afirmação, a estudiosa Anna Wierzbicka diz que “a língua não reflete o mundo

diretamente: ela reflete a concepção humana, a interpretação humana do mundo”. (1992, p.7)

Com o advento do estruturalismo, a linguística deixa de se concentrar no caráter histórico (diacrônico) e passa a dar importância a um estudo sincrônico e global da língua enquanto sistema. Ao priorizar o estudo sincrônico, Saussure (2006) estabelece um recorte no estudo da língua, justificando-o como necessário para a análise científica de um “estado de língua”. Toda a teoria saussuriana baseia-se em dicotomias e a mais importante delas estabelece que o signo é formado pelo significado e significante e estes não são constituídos naturalmente e sim de forma arbitrária e convencional pela língua. Saussure, ao apontar que a língua é um sistema constituído de fatos sociais e linguísticos, assim se posiciona:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (Saussure, 2006, p.17).

Diante dessas novas formas de “ver” a língua, há a possibilidade de quebrar-se um paradigma: o da fidelidade e equivalência na tradução. O tradutor se encontra diante de um dilema: como estabelecer uma forma de traduzir um texto original sem ‘traí-lo’? Se na língua tudo é relativo, devem-se respeitar as particularidades de cada língua? Qual a fronteira entre tradução e ‘traição’? Ao responder à primeira pergunta, Wierzbicka diz que “o tradutor não é necessariamente um traidor. A pergunta verdadeira não deveria ser a da possibilidade da transferência do significado de uma língua para outra; mas, em que extensão uma língua pode ter seu significado transferido para outra” (1992, p.26).

Quanto à segunda pergunta, Wierzbicka acrescenta que:

Respeitar as particularidades culturais de cada língua é uma condição para uma tradução universal e independente culturalmente, porém não devemos procurá-las externamente (em outras culturas) e sim dentro de nossa própria cultura. Para alcançar esse objetivo devemos aprender a separar os aspectos idiossincráticos dos aspectos universais internos de uma língua (1992, p.26).

Essas concepções comentadas prevalecem, pelo menos, até a primeira metade do século XX, tendo como o seu mais importante produto o surgimento das teorias pós-estruturalistas e a redescoberta dos escritos de Walter Benjamin, especialmente o texto “A tarefa do tradutor”, de 1923. Nesse texto, Benjamin, segundo John Lechte em *Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais* (1994), “começa dizendo que a tarefa do tradutor não é iluminada se for vista do ponto de vista do público leitor”. A ideia de que a obra literária é intocável deve ser abandonada, sob pena de não sobreviver para a posteridade. “Se fosse esse o caso, nenhum texto (e mesmo uma interpretação é uma tradução) sobreviveria à época de sua produção imediata” (Benjamin *apud* Lechte, 1994, p.229).

Com a tradução, o texto ‘ganha’ uma sobrevida que “o impele para a história por intermédio da tradição”. Para melhor contextualizar esse tema, verifiquemos o que diz Lechte ao citar Benjamin sobre a tradução literária:

Trata-se da questão de como uma poesia originalmente francesa de Baudelaire pode ser fielmente traduzida do francês para o alemão. Não tentando uma tradução literal, mas “toca[ndo] o original levemente” é a resposta. Uma tradução literal “demole a teoria da *reprodução* do sentido e é uma ameaça direta à compreensibilidade”. A “reprodução de sentido” é a tradução do elemento poético da obra, e é isso que pede tradução. É parte da obra. [...] Para ilustrar a questão ele diz que, assim como os fragmentos quebrados de um vaso diferem entre si e ainda assim constituem o mesmo vaso, os fragmentos diferentes e não literais de uma tradução podem reproduzir o todo do original. O princípio da reprodução do significado (não o sentido literal) está na própria palavra (Benjamin *apud* Lechte, 1994, p.229).

A releitura do texto “A tarefa do tradutor”, de Benjamin, já apontava uma mudança do pensamento sobre a concepção do que seria a tradução. Entretanto, os anos 70 trazem ainda novos enfoques para a tradução na proposta de James Holmes.

## 2.2

### Os Estudos Descritivos da Tradução (DTS)

Em artigo, intitulado “The name and nature of translation studies”, apresentado primeiramente em 1972 e publicado somente em 1988, Holmes divide esse novo campo do conhecimento (Translation Studies/Estudos da Tradução) em duas categorias:

- Estudos “puros” da tradução, abrangendo os estudos descritivos da tradução (DTS) de textos já existentes e as teorias da tradução.
- Estudos da tradução aplicados, que abrangem treinamento de tradutores, crítica da tradução e suportes auxiliares para tradução.

A seguir temos o gráfico elaborado por Gideon Toury, aperfeiçoando e sistematizando a concepção de Holmes.

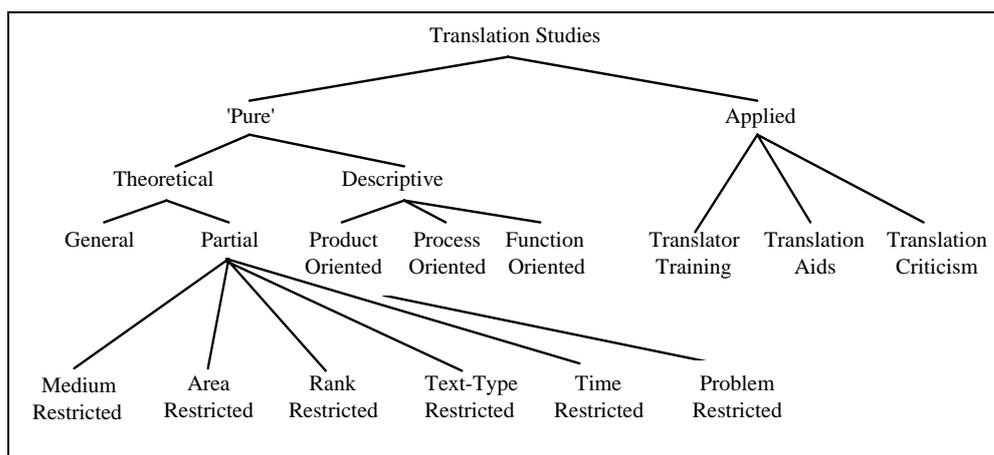


Gráfico 02 – A concepção de Holmes (Munday, 2001, p.10).

Historicamente, a proposta de Holmes foi, naquele momento, uma quebra de paradigma porque confrontava o pensamento essencialista da época. O surgimento dos Estudos Descritivos da Tradução (DTS) veio estabelecer a pesquisa dos fenômenos tradutórios como uma atividade empírica e de orientação fundamentalmente histórica. Desse modo, os DTS representaram não apenas um novo campo de pesquisa para a tradutologia, mas uma reação à secular concepção prescritiva acerca da tradução.

O esquema simples de Holmes posiciona as duas categorias: pura e aplicada, em lados opostos, porém interligadas. A primeira está dividida em

teórica e descritiva. Esta, por sua vez, está subdividida em *Product Oriented* (DTS voltados para o produto da tradução), *Process Oriented* (DTS voltado para o processo da tradução) e *Function Oriented* (DTS voltado para a função da tradução). A segunda, como citado, está subdividida em *translator training* (formação de tradutores), *translation aids* (suportes auxiliares da tradução) e “crítica de tradução”.

Em 1980, o pesquisador israelense Gideon Toury formulou uma nova proposta para os DTS, tomando como base os polissistemas de Itamar Even-Zohar, Toury propôs que as traduções deveriam ser estudadas como um fenômeno cultural, e não puramente linguístico como vinha sendo feito até então. Para Toury, a literatura devia ser considerada um sistema complexo e dinâmico, cujo estudo requeria uma troca entre modelos teóricos, baseados em estudos de casos e das normas que regem e limitam a produção de traduções.

No artigo intitulado “A rationale for descriptive translation studies” e publicado no livro *The manipulation of literary fame* (1995), Gideon Toury propõe uma discussão acerca do objeto de pesquisa dos DTS, pois considera que para estabelecê-lo é necessário apresentar questionamentos que estejam de acordo com os possíveis métodos usados. Todos os estudiosos da tradução usam a palavra “tradução”, porém muitos também falam de “transferência”, de “afinidade translacional”, de “equivalência”, de “adequabilidade” etc. Segundo o pesquisador israelense, todas essas expressões dão características diferentes para o termo “tradução”. Para cada definição mencionada, há uma abordagem diferente.

Por essa razão, as traduções devem ser estudadas como “fatos” da cultura alvo, com maior ou menor *status* dentro dessa cultura (que não corresponde necessariamente ao *status* do original na cultura de partida), mas, mesmo assim, como um subsistema dentro da cultura alvo. No mesmo artigo, Toury (1995) explica que ao estudar textos traduzidos o pesquisador deve se concentrar no texto-alvo. Desse modo é possível verificar qual a estratégia adotada pelo tradutor. Pois, dependendo da escolha feita, podemos verificar se o tradutor optou por seguir as normas da cultura fonte ou da cultura alvo ou vice e versa.

Com relação à descrição do processo tradutório, Toury (2000, p.198-210) chama a atenção para as características socioculturais e de instabilidade que podem ocorrer, às vezes, simultaneamente, em um dado momento histórico. Assim, podem surgir diferentes tipos de normas, mais conservadoras ou mais

flexíveis. Por essa razão, o pesquisador considera que a tarefa de descrever um ato tradutório não pode se resumir a uma mera enumeração de ocorrências – é importante contextualizá-las historicamente, uma providência fundamental para os estudos sincrônicos e diacrônicos da tradução.

Além de Gideon Toury (1985, 2000), outros pesquisadores também contribuíram para o fortalecimento dos DTS como modelo de estudo das traduções. O primeiro foi Itamar Even-Zohar criador da teoria dos polissistemas literários, na qual a tradução é vista como um fenômeno da cultura de chegada. A ele, seguiram, Theo Hermans (1985) e a dupla de pesquisadores José Lambert & Hendrik Van Gorp (1985). Todos eles fizeram importantes contribuições para o desenvolvimento e consolidação dos DTS como um método de pesquisa relevante dentro da área dos Estudos da Tradução. Posteriormente complementados pela teoria da manipulação do texto literário traduzido de André Lefevere (2007).

## 2.3

### **A teoria dos polissistemas literários**

O pesquisador israelense Itamar Even-Zohar apresentou a teoria dos polissistemas no ano de 1978. Na verdade, o texto que hoje reconhecemos como seminal é a sua versão inglesa, pois o pesquisador já vinha trabalhando com a hipótese dos polissistemas desde 1970, com o objetivo de desenvolver um método para estudar a literatura israelense em hebraico. O sistema literário de Even-Zohar era um aprimoramento do conceito desenvolvido pelos formalistas russos da segunda fase.

Segundo Even-Zohar, o polissistema agrega todos os tipos de sistemas literários, canônicos e não canônicos, em uma determinada cultura. Esses sistemas se relacionam e se distanciam, de acordo com determinadas regras (valores ou normas) estabelecidas pelos membros desse sistema. No entanto, o polissistema literário não é fechado em si mesmo, pois depende de outros sistemas extraliterários que também fazem parte do sistema cultural e que estão em constante relação um com os outros, ora se afastando ora se aproximando. Uma relação dinâmica, própria da diversidade do sistema cultural de cada nação.

No artigo “A interação do texto traduzido com o sistema receptor: a teoria dos poli-sistemas”, Else Vieira afirma que:

Even-Zohar afirmava que todo contexto sociocultural se constitui de diferentes sistemas que interagem entre si disputando um lugar hegemônico. Ao mesmo tempo, cada um destes sistemas se compõe de outros menores que se comportam da mesma maneira. Segundo essa concepção, o processo tradutório não se reduziria a uma simples transmissão de informações entre uma cultura e outra. A tradução deve ser considerada como parte integrante do sistema literário que sofre uma série de intervenções, tanto internas quanto externas e em constante competição pela hegemonia (Vieira, 1996, p.125).

A integração das relações é primordial para que haja uma compreensão adequada de qualquer texto. Assim, o texto traduzido é confrontado com as variedades linguístico-culturais da língua-alvo e analisado em suas conexões com o texto original. Todo esse processo envolve a cultura e confronta-se com diferenças ou hierarquias culturais dentro de si. Even-Zohar afirma que esses conflitos nas relações internas são naturais e são resultados de forças centrípetas e centrífugas. Esses movimentos levam as várias hierarquias ou extratos culturais do centro para a periferia e vice-versa.

Uma cultura se mantém, Even-Zohar argumenta, apenas se houver tensões dinâmicas. Por analogia com um sistema natural que requer equilíbrio térmico, por exemplo, ele esclarece que os sistemas culturais precisam de um equilíbrio para não entrar em colapso. Assim, os sistemas canonizados de qualquer polissistema estagnariam se não existisse o antagônico não-canonizado, e é essa tensão que permite a evolução do sistema. Por outro lado, na percepção de Even-Zohar, a estagnação constitui um distúrbio operacional, porque, a longo prazo, o sistema não pode arcar com as necessidades mutáveis da sociedade (Vieira, 1996, p.126).

De acordo com Even-Zohar (1978), o sistema mais privilegiado (mais canonizado) está no centro do polissistema, porém essa “escolha” cabe ao sistema sociocultural dominante. As oposições dentro do sistema, que podem ser primárias ou secundárias, estáveis ou instáveis, conferem dinamismo à teoria dos polissistemas.

Dentro do sistema literário, os movimentos privilegiam alguns textos em detrimento de outros. Essa essência dinâmica levou Zohar a postular que o objeto de estudo de sua pesquisa não pode ficar restrito a “textos individuais”, posto que o estudo se dá no âmbito de um sistema e, portanto, com uma “multiplicidade de textos”. Dentro desse contexto, Even-Zohar considera que o processo da literatura traduzida se correlaciona de duas formas em relação à literatura que o recebe: uma correlação primária ou uma correlação secundária, tal como a seguir observado:

A literatura traduzida, ainda de acordo com Even-Zohar, constitui uma força primária ou inovadora sob certas circunstâncias: quando uma literatura for periférica ou frágil, ou ambos, ou quando houver reviravoltas, crises ou vácuos numa literatura. Se, por outro lado, a literatura traduzida mantiver uma posição secundária, ela não exercerá influência sobre os processos principais e será moldada às normas já convencionalmente estabelecidas por um tipo dominante; ela se torna, assim, uma força conservadora e uma forma de preservação do gosto tradicional. [...] A posição da literatura traduzida influencia também as normas, comportamentos e estratégias tradutórias. Se for primária, é provável que ela violará as convenções da literatura receptora, aproximando-se, assim, do original em termos de adequação; se for secundária, ela não buscará a adequação com relação ao original, mas procurará modelos para os textos estrangeiros no acervo nacional. [...] A literatura traduzida pode ser inovadora, conservadora, simplificada, estereotipada, etc. e pode-se dizer que ela participa ou não de mudanças. Se ela tiver um papel primário, será uma parte integrante das forças inovadoras, introduzindo novos modelos de realidade, uma nova linguagem poética, novas matrizes, técnicas, etc., e o princípio de seleção subjacente é o seu papel inovador potencial (Even-Zohar *apud* Vieira, 1996, p.127).

Ainda de acordo com Else Vieira, Susan Bassnett observa que a contribuição de Even-Zohar “serviu para inserir os Estudos da Tradução na história da cultura e não na linguística e na pedagogia”. Sobre Even-Zohar, acrescenta Vieira: “pode-se dizer, também, que essa teoria – consistente, bem substanciada, não prescritiva, dinâmica e abrangente – expressa atitudes que esperavam um primeiro expositor” (Bassnett *apud* Vieira, 1996, p.128).

Não há dúvida de que a inovação da teoria dos polissistemas representou uma quebra de paradigma em relação às teorias vigentes na década de 1970. Porém, com o avanço dos estudos da teoria dos polissistemas, verificou-se que ela é “um instrumento útil à descrição do papel das traduções apenas quando for ela uma força inovadora, geralmente associada às grandes mudanças históricas e literárias” (Vieira, 1996, p.129).

No livro *Translation history and culture* (1990a), Susan Bassnett e André Lefevere chamam a atenção para as mudanças ocorridas no âmbito dos Estudos da Tradução. Para esses pesquisadores, houve um redirecionamento na forma de estudar as traduções – menos formalista e mais voltada para os fatores extratextuais que influenciam o processo tradutório. A prática tradutória deslocou o seu foco para questões mais amplas, como contexto, historicidade e normas. Não se discutia apenas a questão da fidelidade em tradução, também se debatia o problema da equivalência em tradução. Segundo Bassnett & Lefevere:

Once upon a time the questions that were always being asked were 'How can translation be taught' and 'How can translation be studied?' Those who regarded themselves as translators were often contemptuous of any attempts to teach translation, while those who claimed to teach often did not translate and so had to resort to the old evaluative method of setting one translation alongside another and examining both in a formalist vacuum. Now, the questions have been changed. The object of study has been redefined; what is studied is text embedded within its network of both source and target cultural signs<sup>6</sup> (1990a, p.11-12).

De fato, até 1985, quando foi publicado o livro *The manipulation of literature: studies in literary translation*, organizado por Theo Hermans, ainda concebia-se o ato tradutório como uma prática meramente mecanicista em que, ao contrário de conservar a essência do texto-fonte, a tradução transformava o texto-alvo em uma cópia sofrível do original. Essa visão tornava-se mais radical se o texto-alvo em questão fosse uma obra literária.

Cabe ressaltar que a crítica literária, à época, considerava apenas se, na tradução, o significado original do texto-fonte estava preservado. Assim, reduzia-se a tradução de textos literários à tarefa de produzir através da compilação, redução, adaptação e paródia obras que, segundo essa concepção, não tinham o mesmo status de suas fontes originais. Portanto, a crença na supremacia do texto original sobre o texto traduzido tornava a análise da tradução uma demonstração da superioridade do texto original, explicitando as discrepâncias em relação às suas traduções.

O modelo teórico polissistêmico proporciona um ambiente propício para o estudo da tradução de textos literários, por sua simplicidade e flexibilidade em relação a outras ciências. Apesar de ser uma concepção teórica padrão, ela também funciona como prática exploratória. Porém, para comprovar sua eficácia é importante um grande número de estudos de casos para que se estabeleça como uma ação regular. Diferentemente de outras teorias da tradução, ela não é prescritiva e sim descritiva, o que facilita muito o estudo do texto traduzido por

---

<sup>6</sup> Houve um tempo em que as perguntas sempre feitas eram: “como a tradução pode ser ensinada?” e “Como a tradução pode ser estudada?” Aqueles que se consideravam tradutores eram refratários a qualquer tentativa de ensinar a tradução, enquanto outros que diziam ensinar tradução, não traduziam, e tinham que recorrer ao velho método de avaliação de comparar uma tradução com outra e examinar ambas dentro de um vácuo formalista. Hoje, mudaram-se as perguntas. O objeto de estudo foi redefinido; o que se estuda é o texto inserido nas duas redes de signos culturais, fonte e alvo.

ser mais aberta á eventuais cruzamentos com outras áreas do conhecimento como a literatura comparada e a sociologia.

Em resumo, de acordo com Even-Zohar (1990), o sistema de literatura traduzida figura dentre os vários sistemas que compõem o polissistema literário que, por sua vez, está posicionado dentro do polissistema da cultura. Dentro desse conjunto de polissistemas ocorre um jogo de forças, pois os diversos sistemas não se equivalem e estão em constante troca hierárquica. Essa troca gera uma disputa permanente de centro e periferia entre os vários sistemas que abrangem principalmente a disputa entre obras literárias periféricas e canônicas. O sistema da literatura traduzida quase sempre ocupa uma posição periférica e se submete às regras estabelecidas pelo sistema hegemônico. Mas, em certos casos, o sistema de literatura traduzida pode vir a ocupar uma posição central e representar um modelo para um sistema literário nacional ou regional (caso dos sistemas literários brasileiro e amazônico).

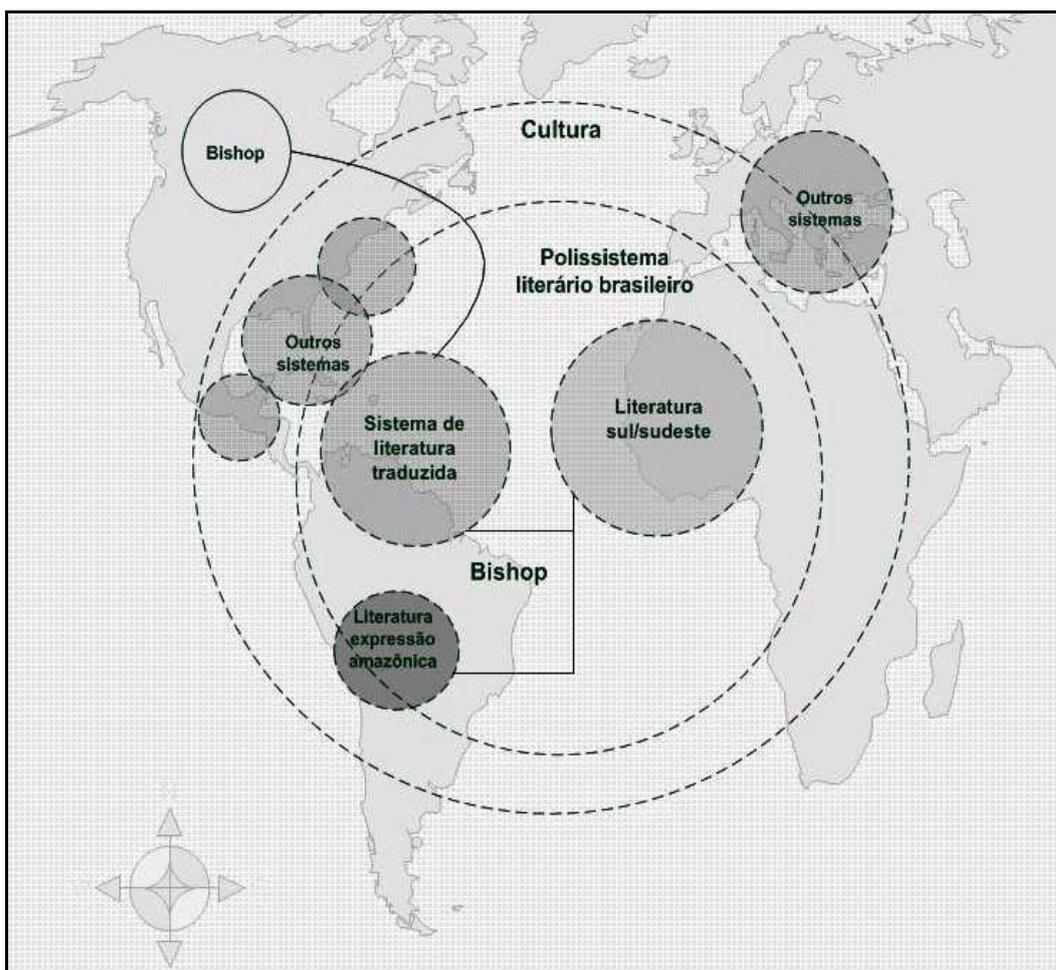


Gráfico 03 – Mapa do polissistema literário brasileiro, com base em Carvalho (2005, p. 38)

Observando o gráfico nº 3, como nos referimos anteriormente, a produção literária de Elizabeth Bishop pode ser posicionada em dois polissistemas literários distintos – o americano e o brasileiro. Entretanto, devemos igualmente levar em consideração a posição da Bishop em outro sub-sistema brasileiro – o da literatura de temática amazônica, dentro do qual a obra da autora pode ser analisada sob três aspectos: literatura de viagem, literatura traduzida e literatura estrangeira de temática amazônica.

## 2.4

### Uma proposta de estudo sistêmico das traduções

Em “Describing translations” (1985), Lambert & Van Gorp propõem uma nova metodologia para os DTS. Segundo os autores, são muitas as pesquisas no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução, mas eles não sugerem uma forma de estudar as traduções. Os dois pesquisadores baseiam-se no esquema proposto por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury em 1980.

Ao utilizarem o esquema dos polissistemas de Even-Zohar e Toury, Lambert & Van Gorp expõem, didaticamente, como ocorrem as relações da tradução dentro do sistema literário e demonstram como elas se processam e o modo de estudá-las. A maior vantagem desse método investigativo é a de que ele ajuda a superar velhas crenças sobre a tradução de textos literários. O estudo passaria a ser descritivo e intuitivo, em oposição às tradicionais buscas por fidelidade e normatização.

It will be clear that in every concrete situation the basic aspects of the scheme should be interpreted in terms of specific priorities. The central question then becomes that of equivalence: what kind of equivalence can be observed between both communication schemes, or between the particular parameters in them? Is the translation target oriented (i.e. acceptable) or source oriented (i.e. adequate)?<sup>7</sup> (Lambert & Van Gorp, 1985, p.45).

---

<sup>7</sup> Ficará claro que em toda situação concreta, os aspectos básicos do esquema deveriam ser interpretados em termos de prioridades específicas. Portanto, a pergunta central seria a da equivalência. Que tipo de equivalência pode ser observada entre ambos os esquemas de comunicação, ou entre seus parâmetros em particular? Essa tradução seria *target oriented* (aceitável) ou *source oriented* (adequada)?

Os polissistemas literários auxiliam o pesquisador a ter uma visão tanto da cultura de partida quanto da cultura de chegada do texto a ser estudado. Apesar do modelo de Lambert & Van Gorp privilegiar a análise do texto traduzido e seu original, pois, muitas vezes, eles são a única fonte de pesquisa, é importante contextualizá-los sistematicamente. Para isso, os pesquisadores sugerem um conjunto de questionamentos que ampliam o escopo dos estudos da tradução, dando relevância tanto para os fenômenos intratextuais quanto para os extratextuais, como por exemplo, códigos literários, morais, religiosos etc.

Com o auxílio do esquema de Lambert & Van Gorp é possível estabelecer as interfaces entre o texto original e outros da cultura de origem, entre o texto traduzido e o seu texto fonte. É possível ainda estabelecer a posição ocupada pelo autor na cultura de origem e na cultura de chegada, assim como a posição do tradutor e, finalmente, caracterizar o perfil do público leitor das duas culturas.

Em relação ao processo tradutório, os autores reconhecem que o método tradicional (comparação entre o texto fonte e o texto meta) e a persistência no estudo do texto traduzido, voltado para a cultura de partida, ainda dominam as pesquisas da tradução, e, frequentemente, estes são direcionados ao estudo de alguns aspectos linguísticos e literários do texto alvo.

Ao ter como base as informações inicialmente coletadas e devidamente contextualizadas dentro dos dois sistemas, de chegada e de partida, o pesquisador pode utilizar o esquema proposto pelos pesquisadores flamengos para transitar entre os níveis macrotextual e microtextual.

De acordo com Carolina Carvalho, no primeiro nível temos a “apresentação e estrutura geral do texto, normas iniciais que regem o texto traduzido como um todo”. O segundo nível refere-se ao detalhamento da “estrutura interna do texto e diversas estratégias e escolhas linguísticas, estilísticas e tradutórias” (2005, p.57). Desse modo, o pesquisador pode utilizar os resultados obtidos no nível macrotextual para formular hipóteses que serão verificadas na análise do texto traduzido no nível microtextual.

Esse método tem como principal objetivo revelar as várias normas que atuam dentro do polissistema literário e, até mesmo, do próprio texto que é pesquisado. Essas interferências (normas) devem ser levadas em conta em uma análise sistêmica do processo tradutório, na qual se deve tentar destacar quais são

as características dominantes e que tipos de funções exercem dentro do sistema alvo.

Em resumo, para Lambert & Van Gorp (1985), a comparação entre texto fonte e texto alvo é também uma parte relevante do processo tradutório. Mediante essa afirmativa, os dois pesquisadores elaboraram um “guia passo a passo” para que os estudiosos da área dos Estudos Descritivos da Tradução conhecessem os procedimentos envolvidos na condução de uma pesquisa de uma dada tradução e dos fenômenos a ela associados:

1. Dados preliminares: título, para-textos (diagramação da capa, quarta-capa, orelhas, presença ou não da indicação de que se trata de uma tradução, gênero, nome do autor, nome do tradutor), meta-textos (prefácio, ensaios, críticas etc. sobre a obra) e estrutura geral da tradução.
2. Nível macro-estrutural: divisões do texto, títulos de capítulos e seções, estrutura narrativa, estratégia global da tradução.
3. Nível micro-estrutural: seleção vocabular, estruturas gramaticais, formais e estilísticas, tipo de narrativa, modalização, registros etc.
4. Contexto sistêmico: relações macro e micro-sistêmicas do texto estudado (normas e modelos), relações com outros textos (originais e traduzidos) naquele sistema, relações intersistêmicas (Lambert & Van Gorp, 1985 apud Carvalho, 2005, p.58).

Para este estudo, vamos priorizar o quarto segmento – o contexto sistêmico, pois ele é o segmento chave para contextualizar a obra de Elizabeth Bishop tanto no sistema brasileiro, quanto no sistema amazônico de literatura traduzida, sendo que em relação ao último, podemos posicionar a autora dentro do próprio sistema literário de literatura amazônica.

## 2.5

### **A patronagem de André Lefevere**

As ideias de Lefevere apareceram no final dos anos 70, quando as pesquisas da área de tradução estavam divididas entre duas abordagens – uma teórica, baseada nas teorias linguísticas da tradução; e outra prática que se concentrava na comparação dos textos originais e traduzidos sem levar em conta o ambiente cultural no qual estavam inseridos. Porém, como as abordagens se concentravam em objetos de estudo distintos, não se completavam. Lefevere então propôs uma nova abordagem, a qual estabelecia a necessidade do afastamento das

teorias vigentes e propunha que, como alternativa, se adotasse o “conceito de metaciência” (Martins, 1999, p.67).

De acordo com José Mora (2001), A metaciência é um ramo da filosofia, que também pode ser considerada uma ciência que se ocupa do conjunto da ciência. Neste caso, pode ser chamada de “grupo de pesquisa” e “sistema de conhecimento”. A metaciência funciona como mediadora entre várias áreas do conhecimento, porém como uma imagem da ciência enquanto atividade humana. A proposta de Lefevere era justamente chamar as outras áreas do conhecimento para um amplo debate interdisciplinar sobre a questão da tradução literária.

Para Lefevere, antes de tentar definir uma teoria da tradução era importante entender mais o processo tradutório. De fato, como as concepções anteriores de tradução foram “emprestadas” da linguística e da teoria literária, era necessário solucionar essa questão metodológica de pesquisa. Portanto, dever-se-ia voltar para os problemas da tradução em si, para depois se ocupar da sua aplicação na área da linguística e da teoria literária. Martins assim sintetiza essa posição:

Em outras palavras, o novo paradigma assume seu caráter eminentemente indutivo, voltado para estudos empíricos. Com isso, o objeto de estudo – até então, visto como algo fixo no mundo real, passível de ser investigado cientificamente – passou a ser o próprio texto traduzido, que é, por definição, uma mediação sujeita a manipulação teórica e a normas artísticas predominantes (Martins, 1999, p.68).

O novo paradigma proposto por Lefereve provocou uma série de problemas para a teoria literária, pois contrariava o formalismo russo, que era a teoria adotada pelos descritivistas na sua primeira fase. Se por um lado, a nova teoria rejeitava a ótica formalista na busca da literariedade associada à linguística nos textos pesquisados, por outro lado incorporava o efeito da diacronia dos textos traduzidos dentro dos sistemas literários das culturas envolvidas. Também a pesquisa das mudanças ideológicas culturais, tanto a coletiva quanto a individual, foram incorporadas, pois estas influenciam tanto o sistema fonte quanto o sistema alvo da literatura traduzida.

Essas ideias dominaram o pensamento de Lefereve até os anos 80, quando ele direciona sua atenção para a questão da reescritura e suas associações com as estruturas do poder e da cultura. Isso diz respeito às relações de poder das editoras

e das instituições que operam dentro da cultura meta, interferindo nas escolhas de publicações e até na tradução destas. O pesquisador também adotou a visão de sistema da segunda fase do formalismo russo. Seus teóricos, em particular Tynianov, estudavam os textos tanto diacrônica quanto sincronicamente, com o objetivo de identificar e relacionar uma tradição literária.

Tynianov acentua especificamente o caráter relacional e sistêmico dos fenômenos literários e a sua integração com séries literárias e contextos literários variados. A obra literária insere-se, portanto, numa série literária, que por sua vez insere-se numa série social, à qual se vinculam, igualmente, outros sistemas, tais como o da física e o jurídico (Martins, 1999, p.70).

Ainda segundo Marcia Martins, Lefereve compõe o conceito de patronagem com base em teorias pré-existentes nos Estudos da Tradução (Even-Zohar e Toury), na Teoria Literária (Formalismo Russo), na Filosofia (Wittgenstein, Foucault e Schmidt)<sup>8</sup>, também presentes na Sociologia da Literatura e na História Cultural.

Lefereve, apesar de compartilhar das ideias de Even-Zohar e Toury, estabelece que é no âmbito da cultura que ocorrem as trocas entre os sistemas emissores e receptores no processo tradutório. A principal força que coordena essa troca “cultural” é o poder. O poder atua sobre o processo tradutório de forma dinâmica, e influencia diretamente na leitura do texto a ser traduzido. Esse jogo de forças é a “patronagem”, “que representa as estruturas de poder, como também a relação de interdependência e influência recíproca entre as traduções e as culturas receptoras” (Martins, 1999, p.67).

Por meio do estudo da tradução dos textos literários, Lefereve chama a nossa atenção aos critérios de escolha para reescritura ou tradução de um texto dentro de uma cultura. Para ele, deve-se considerar a tradução como reescritura, pois o tradutor, como reescritor, cria imagens para os leitores, imagens muitas vezes determinadas pelo sistema que o controla. O texto literário traduzido está inserido no sistema da literatura que, por sua vez, pertence a um dos mais complexos sistemas – o cultural. Em outras palavras, a literatura é um sistema em si e está inserido em um sistema maior, que engloba outros sistemas, e estes influenciam uns aos outros. Essas intervenções são determinadas pela lógica da

---

<sup>8</sup> Sobre a questão filosófica, ver MARTINS (1999).

cultura, que opera por meio de duas formas: controle poético literário e controle ideológico. O primeiro atua dentro do sistema literário e é exercido pelos profissionais da cadeia literária. O segundo atua externamente ao sistema literário e é exercido pela patronagem – que detém os poderes ideológico e econômico.

“Geralmente a patronagem se interessa mais pela ideologia do que pela poética da literatura e, poderíamos dizer, que o ‘patrocinador’ delega a autoridade para o profissional da literatura a parte que lhe cabe” (Martins, 1999, p.36). Ou seja, isso é feito por meio de uma pessoa, uma classe social, editoras, mídia, governos etc. Eles tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas, que juntos compõem a sociedade. Esse controle é operado no modo como o produto do sistema literário é divulgado ou distribuído por agentes reguladores entram as academias, a censura, a crítica especializada e, principalmente, o *establishment* educacional. São esses setores que representam o sistema controlador, no qual o sistema literário se insere.

A patronagem é regulada por três elementos: o ideológico, o agente controlador do *establishment*; o econômico, o agente que financia o autor ou o processo editorial; e o de *status*, que é a aceitação por parte de um grupo social específico. A patronagem também pode ser “diferenciada” ou “indiferenciada”. É diferenciada quando o sucesso econômico é relativamente independente de fatores ideológicos ou de *status* (autores de livros de auto-ajuda). É indiferenciada quando os três reguladores da patronagem (ideológico, econômico e de *status*) ocorrem a partir de um único patrocinador.

Nesse caso, a Literatura produzida fora dos parâmetros do *establishment* pode vir a ser considerada dissidente ou marginal, dependendo das motivações político-ideológicas, socioculturais ou econômicas a ela associadas.

Esses fenômenos ocorrem porque dentro do sistema literário há mecanismos de formação e de manutenção de cânones literários. As instituições que detêm o poder de escolha de um cânone literário o fazem, geralmente, a partir de questões ideológicas, porém de diferentes modos. Por exemplo, a tradução de textos literários em certas culturas é muito seletiva, dependendo do interesse do leitor dessa cultura ou se os agentes culturais tenham interesse econômico na divulgação dessas obras. Por fim, não podemos deixar de mencionar o papel das academias nesse processo, pois são elas que vão influenciar na formação desses cânones, pois são formadoras de opinião.

Em resumo, os estudos de André Lefevere podem ser divididos em dois momentos. O primeiro se dá nos anos 80, quando se alinha às pesquisas dos colegas flamengos e israelenses, ao reconhecer o papel central da influência cultural (que viria a se chamar “virada cultural”) e adotar a abordagem descritiva em oposição à abordagem prescritiva e essencialista que dominou os Estudos da Tradução por muito tempo. No segundo momento, nos anos 90, o pesquisador destaca a patronagem como componente ideológico do processo da tradução, descreve os seus mecanismos de funcionamento, o impacto exercido sobre os textos traduzidos e a influência deles sobre a sociedade.

É consenso entre os estudiosos da tradução que a cultura ocupa uma posição central na formação dos sistemas literários. Desde a divulgação das conclusões de Itamar Even-Zohar, Gideon Toury e James Holmes em 1978, Theo Hermans (1995), André Lefevere (2007), Susan Bassnett & André Lefevere (1990), Else Vieira (1996) e outros; os DTS vêm se consolidando e voltando-se, cada vez mais, à análise das traduções segundo uma perspectiva sociocultural; considerando e explorando as relações de poder e ideologia que operam quando um texto é transferido de um contexto para outro.

Theo Hermans (1995) já postulava que a tradução é uma atividade que envolve, inevitavelmente, duas línguas e duas tradições culturais. Por conseguinte, nas palavras de Susan Bassnett, essa mudança cultural (*cultural shift*) dentro dos estudos da tradução, pode ser vista como:

[...] as part of a cultural turn that was taking place in the humanities generally in the late 1980s and early 1990s, and has altered the shape of many traditional subjects. In translation studies, polysystems theory had prepared the ground for a cultural turn since, despite its formalist origins, the issues that came to occupy a prominent position related principally to questions of literary history and the fortune of translated texts in the receiving culture (2007, p.16).<sup>9</sup>

A virada cultural, neste sentido, serviu para ampliar o objeto de pesquisa da tradução, que se concentrava nos estudos dos fenômenos linguísticos ocorridos nas traduções, para incluir como campo de pesquisa primário o contexto cultural

---

<sup>9</sup> [...] parte da virada cultural que estava acontecendo dentro da área das humanidades, por volta do final dos anos 80 e início de 90, e que vem mudando o formato de muitas disciplinas tradicionais. Nos estudos da tradução, a teoria dos polissistemas, apesar de sua origem formalista, preparou o caminho para uma virada cultural, formulando as questões que vieram a ocupar uma posição proeminente, principalmente em relação às questões da historiografia literária e da fortuna crítica dos textos traduzidos na cultura de chegada.

em que ocorre o ato tradutório. Essa mudança possibilitou o contato com outras disciplinas que também estudavam os fenômenos culturais nas sociedades.

Por fim, também é importante mencionar a escola dos Estudos Pós-coloniais que investiga as relações assimétricas de poder dentro de um contexto pós-colonial. Destacamos as pesquisadoras indianas Gayatri Spivak (*The Post-Colonial Critic*, 1990) e Tejaswini Niranjana (*Siting translation: History, poststructuralism and the colonial context*, 1992), cujos trabalhos são considerados pioneiros ao estabelecerem a conexão entre tradução e pós-colonialismo.

Gayatri Spivak é amplamente reconhecida dentro da área dos Estudos Culturais. Entretanto, sua área de atuação estende-se da tradução à crítica literária desconstrucionista (traduziu *Gramatologia* de Jacques Derrida). Por ser tão atuante em vários campos do conhecimento das ciências humanas, a autora é citada por vários estudiosos, especialmente na área da dos Estudos Coloniais e da Antropologia.

Tejaswini Niranjana é uma crítica dos Estudos da Tradução por entender que esta área tem uma orientação muito ocidental. Dentre as principais críticas estão: (i) o reconhecimento tardio, por parte dos estudiosos da tradução, do desequilíbrio de poder entre as línguas (fonte e meta) no processo tradutório; (ii) a concepção ocidental de tradução, texto, autoria e significado soam como representações ingênuas das teorias da linguagem; (iii) a visão humanística da tradução deve ser questionada, pois a tradução, dentro de um contexto colonial, constrói uma imagem de domínio baseada na filosofia ocidental.

Baseada nas críticas listadas acima, Niranjana propõe que o tradutor pós-colonial deve analisar todos os aspectos do colonialismo e do nacionalismo liberal, desconstruir a hegemonia ocidental e identificar os meios de coerção empregados pelo Ocidente para marginalizar o “outro não ocidental”. Entretanto, devemos entender esse radicalismo como uma forma de posicionamento das ex-colônias do século XX, em geral africanas e asiáticas. Não acreditamos que todos esses posicionamentos se apliquem ao caso brasileiro.

## 2.6

### A tradução cultural e a literatura de viagem nos DTS

Mesmo reconhecendo que o elemento cultural já está incorporado nos estudos de obras literárias traduzidas, observamos que as pesquisas na área dos estudos da tradução no Brasil ainda estão voltadas primariamente para as questões linguístico-semânticas e crítico-literárias das traduções. A virada cultural nos Estudos da Tradução está, paulatinamente, rompendo este paradigma. Prova que o elemento cultural veio para ficar, é o manifesto do Departamento dos Estudos da Tradução da Universidade do Texas.

All acts of communication are acts of translation. Reading itself is an act of translation, and should be seen as a continuous process of reconstruction. Words gain meanings through their associations with other words, through the link to their cultural and historical past, and through their rhythmic and sonic constructions within a given sentence. Words by themselves have very loose boundaries. In most instances, they are too general and do not immediately reflect the specific connotations that a writer might bring to a particular object. Each reader will have a slightly different image when reading the word "table" – no two people will visualize the shape of a table in the same way. Before any interpretation can take place, the translator has to visualize all the etymological, cultural, and historical associations that become active in a word within the context of a text (Rainer Schulte, 2009).<sup>10</sup>

A tradução, no seu sentido lato, já é utilizada por outras áreas do conhecimento para descrever muitas situações que não a da transposição de textos; como, por exemplo, nos Estudos Culturais e nas áreas das Ciências Sociais, em especial da Antropologia (Etnografia e Etnologia). Chamamos de tradução cultural ao método de pesquisa utilizado pela Antropologia para avaliar se um relato etnográfico é eficaz durante o processo da transmissão do conhecimento dos fenômenos culturais na fronteira do cruzamento de culturas.

---

<sup>10</sup>Todos os atos de comunicação são atos de tradução. O ato de ler, por si só, é um ato de tradução, e deveria ser entendido como um contínuo processo de reconstrução. As palavras ganham significado através de associações com outras palavras e, por meio dos laços que unem o seu passado histórico cultural e, por meio da construção de seus sons e ritmos em uma dada oração. Palavras soltas têm fronteiras tênues. Na maioria das vezes são muito genéricas e não refletem imediatamente as conotações específicas que um escritor deseja dar a um objeto em particular. Cada leitor terá uma imagem diferente ao ler a palavra "mesa" – dois leitores não visualizam o formato de uma mesa do mesmo modo. Antes que qualquer interpretação textual se inicie, o tradutor deve visualizar todas as associações etimológicas, culturais e históricas que são ativadas por uma palavra dentro de um contexto.

Somente na década atual, a tradução cultural é discutida como uma das áreas de pesquisa dos Estudos da Tradução, especialmente quando associada aos DTS. Essa aproximação entre a Etnografia, a Etnologia e os DTS deu-se durante a virada cultural no final do século passado.

A rejeição ao termo tradução cultural, por parte dos estudiosos da tradução, especialmente os que se abrigam sob o guarda-chuva dos DTS, vem mudando. Podemos atribuir essa mudança ao intercâmbio interdisciplinar dos Estudos da Tradução com outras áreas do conhecimento, como vimos até aqui, e, principalmente, nos últimos dez anos, devido à entrada das correntes culturalistas e pós-colonialistas na pesquisa dos fenômenos tradutórios. Essa mudança de paradigma pode ser constatada na introdução da segunda edição da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2008), na qual Paula Saldanha (Org) comenta as novas tendências:

New and developing themes in the discipline [translation studies] are also reflected in a wide range of new entries; these include Censorship, Cultural translation, Deconstruction, Ethics, Fictional representations, Gender and sexuality, Globalization, Hermeneutics, Minority, Mobility (which covers travel and diasporic contexts), Postcolonial approaches, Rewriting, and Sociological approaches (Kindle Loc. 587-90)<sup>11</sup>. [meu grifo]

Nossa proposta de estudo envolve algumas das terminologias acima, pois nosso foco é analisar a Elizabeth Bishop viajante e não a autora que morou no Brasil por quase dezessete anos. Sob este ponto de vista, consideramos que as questões culturais quando aplicadas aos textos de Bishop sobre o Brasil, tomam uma nova perspectiva. Com o auxílio dos DTS e de outras áreas de estudo ligadas à tradução literária, abre-se uma nova forma de análise do resultado e do impacto da seção “amazônica” da obra de Bishop. Somente estabelecendo pontes com outros setores do estudo da literatura é possível avaliar a importância da produção poética de Bishop dentro do sistema literário amazônico. São essas interfaces que estão em discussão mais adiante.

---

<sup>11</sup> Novos temas desenvolvidos na disciplina [estudos da tradução] se refletem em uma nova série de verbetes; dentre os quais se incluem Censura, Tradução cultural, Desconstrução, Ética, Representações ficcionais, Gênero e sexualidade, Globalização, Hermenêutica, Minorias, Mobilidade (a qual abrange contextos de diáspora e viagem), Abordagens pós-coloniais e sociológicas, e Reescritura.

Edwin Gentzler também reflete essa perspectiva cultural ao considerar que as principais mudanças de procedimentos, no que concerne à teoria da tradução, nas últimas duas décadas foram “(i) a de teorias orientadas pelo texto-fonte para teorias orientadas pelo texto-alvo e (ii) a mudança para incluir fatores culturais, bem como elementos linguísticos, nos modelos de prática para tradução” (2009, p.100). Tomemos, por exemplo, a ideia de cultura para Hans Vermeer, representante da escola funcionalista dos estudos da tradução. Segundo esse pesquisador, os comportamentos biológico, sociocultural e linguístico do ser humano não se dissociam, pois a língua é um elemento cultural, por excelência (1992, p.39). Logo,

Translation involves linguistic as well as cultural phenomena and processes and therefore is a cultural as well as linguistic procedure, and as language, now understood as a specific language, is part of a specific culture, translation is to be understood as a "cultural" phenomenon dealing with specific cultures: translation is a cultural transcending process (p.40)<sup>12</sup>.

Ainda para Gentzler, os funcionalistas veem “o tradutor como um profissional intercultural, não como um escriba secundário, mecânico” e acrescenta que “os tradutores são especialistas em comunicação intercultural e parceiros responsáveis nos eventos de comunicação” (2009, p.101). De acordo com Michael Cronin (2006), durante esses eventos de comunicação, os tradutores também exercem o papel de mediadores culturais, evidenciando a habilidade de se posicionar localmente na cultura do outro e mediar as tradições dessa sociedade em particular. Neste ponto, é importante destacar como Cronin concebe essa troca cultural:

[...] In this sense all translators are cultural cosmopolitans. In that going to the other text, the other language, the other culture, involves that initial journey away from the location of one's birth, language, upbringing. Even if one is translating into the foreign language as a target language, there is still the element of displacement, as the translator moves from the native language to the other language. So standing outside a singular location is an intrinsic part of the

---

<sup>12</sup> O ato tradutório envolve fenômenos e processos linguísticos culturais. Sendo assim, a tradução é tanto um procedimento linguístico quanto cultural, assim como a língua, enquanto linguagem específica, é característica de uma cultura, entende-se que a tradução é um fenômeno ‘cultural’ que lida com culturas específicas: a tradução é um processo transcultural.

translation process, repeated millions of times every day across the planet (p.11-12)<sup>13</sup>.

A tradução como artefato cultural está diretamente relacionada à realidade histórica de sua produção. Segundo Wang Hui (2009), atualmente os pesquisadores da teoria dos polissistemas e dos DTS estão voltados para o estudo da tradução como produto de transferência intercultural. Destaca o cruzamento de culturas como o motivador principal do processo tradutório. Já para Loredana Polezzi (2009), a transferência ou troca de conhecimento também está presente simbolicamente em palavras como migração, deslocamento humano, viagem e diáspora, as quais podem ser aglutinadas metaforicamente sob o termo “mobilidade” (mobility em inglês):

The connection between translation and mobility is often traced back to etymological roots, the Latin word *translatio* indicating the movement or transfer of objects and people across space. [...] Travel and its textual accounts are associated with a form of translation of the Other and the new in terms familiar to a home audience. Translation, in turn, is configured as a form of transportation or appropriation of the foreign within the language and culture of the nation. The coupling between the figures of the traveler and the translator (or interpreter) is also well established and encompasses historical as phenomenological parallels, starting from the way in which travelers have to either rely on language mediators or take up that role for themselves (Polezzi, 2009, Kindle Loc. 6492-96)<sup>14</sup>.

As afirmações de Polezzi reforçam a concepção do escritor-viajante estrangeiro como tradutor cultural. A literatura de viagem atualmente é objeto de estudo de alguns teóricos dos DTS que a entendem como um processo de reescritura sobre outras culturas, ou seja, como uma outra forma de tradução. Essa

---

<sup>13</sup> [...] Neste sentido, todos os tradutores são cosmopolitas culturais. Desse modo, voltar-se ao texto, à língua, à cultura do outro, envolve a jornada inicial, do afastamento em relação ao local de berço, da língua na qual foi educado. Mesmo que a pessoa esteja traduzindo em uma língua-alvo estrangeira, ainda está presente o elemento do deslocamento, quando o tradutor se afasta da sua língua nativa e volta-se à língua do outro. Portanto, colocar-se de fora de uma localização única é uma parte intrínseca do processo tradutório, repetida milhões de vezes a cada dia em todo o planeta.

<sup>14</sup> A conexão entre os termos tradução e mobilidade muitas vezes é remontada à raiz etimológica da palavra latina *translatio*, que denota movimento ou transferência espacial de objetos e pessoas. [...] A viagem e seus relatos estão associados a uma forma de tradução do Outro e do novo em termos familiares a um público doméstico. A tradução, deste modo, configura-se como uma forma de transporte ou apropriação do estrangeiro dentro da língua e da cultura nacionais. A combinação entre as imagens do viajante e a do tradutor (ou do intérprete) também é bem estabelecida e abrange tanto o paralelo histórico como o fenomenológico, a começar pela atitude desses viajantes diante da opção de desempenharem o papel de mediadores por si próprios ou de dependerem de terceiros para realizá-lo.

nova perspectiva é resultado, de acordo com Susan Bassnett (2007), das mudanças de paradigma dentro dos estudos das traduções.

Em uma primeira etapa, Bassnett cunhou a expressão *the cultural turn in translation studies* (1990), para explicar a influência das teorias provenientes dos estudos culturais nos estudos da tradução. Noutro momento, a autora introduziu a expressão *the translation turn in cultural studies* (1998). Dessa vez, a mudança ocorre dentro dos estudos culturais, que passam a utilizar as teorias da tradução para entender a produção, tradução e circulação de textos literários como importantes fontes de análise. Mais recente é a utilização da metáfora da viagem para definir a mobilidade dos textos dos viajantes:

Translation can be seen as a kind of journey, from one point in time and space to another, a textual journey that a traveller may undertake in reality. Moreover, both translation and travel writing are hermeneutic activities that involve different kinds of cross-cultural contact. Travel necessarily involves some form of translation, and many early travel accounts detail attempts to render in the language of the explorers the undiscovered, the unknown, the new and unfamiliar (Bassnett *apud* Snell-Hornby, 2006, p.106).<sup>15</sup>

As viagens e suas narrativas estão diretamente relacionadas à formação do imaginário sobre a Amazônia. Foram os relatos dos viajantes e imigrantes, em contato com uma topografia totalmente desconhecida, misteriosa e exótica, que atraíram a atenção do mundo para a região. Mário de Andrade<sup>16</sup> em 1943, ao resenhar o catálogo da exposição de arquitetura *Brazil builds*, já chamava a atenção da crítica brasileira para a importância da leitura de textos estrangeiros sobre o Brasil, quando afirmou que somente o olhar de fora poderia dar a consciência de uma normalidade humana ao brasileiro. Foi o mesmo Mário de

---

<sup>15</sup>A tradução pode ser vista como uma espécie de jornada, partindo de um ponto a outro no tempo, uma jornada textual que um viajante pode realmente fazer. Além disso, tanto a tradução como a escrita de viagem são atividades hermenêuticas que envolvem diferentes tipos de troca transcultural. Viajar implica necessariamente alguma forma de tradução. Muitas das antigas narrativas de viagem detalham as tentativas de transpor, para a língua dos exploradores, o não revelado, o desconhecido, o novo e exótico.

<sup>16</sup> *Brazil Builds* é o título da mostra de arquitetura brasileira planejada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York em 1942. Além de servir à Política da Boa Vizinhaça de Roosevelt, a mostra se concretizou pela carência de material para exposições de arquitetura moderna, em resposta às escolas arquitetônicas da Rússia de Stalin e da Alemanha de Hitler tanto quanto a redução da atividade de construção no hemisfério norte, abalado pela depressão e pela II Guerra. É importante observar que foi nesse contexto de troca cultural entre Brasil e EUA que Elizabeth Bishop conheceu Lota Macedo Soares. Nesta época, Lota e Mary Morse estavam morando em Nova York e convidaram a autora a visitá-las no Brasil (visita que só iria se concretizar no final de 1951). Este foi o primeiro contato de Bishop com brasileiros.

Andrade, turista aprendiz e tradutor cultural da Amazônia, que deu uma face humana à paisagem e aos habitantes da região no seu diário de viagem.

A análise da imagem da Amazônia em textos estrangeiros é uma área da Literatura Comparada estudada nas academias da Região Norte, a exemplo do Curso de Graduação em Letras da Universidade da Amazônia, no Estado do Pará, onde existem duas disciplinas que incluem as narrativas de escritores estrangeiros: Literaturas de Expressão Amazônica e Cultura Amazônica.

Certamente o leitor deve ter percebido que não nos referimos a uma literatura e sim a literaturas da Amazônia, visto que, na realidade, são de três origens ou categorias diferentes: autores regionais<sup>17</sup> (Márcio Souza, 1977; Benedito Monteiro, 1983; Milton Hatoum, 2004, 2008, 2009), autores não regionais (Mário de Andrade, 2008; Raul Bopp, 2006; Darcy Ribeiro, 1993) e autores estrangeiros (Julio Verne, 2003; Ferreira de Castro, 1977). Já no caso da disciplina Cultura Amazônica, são estudados todos os anteriores e mais as narrativas dos viajantes como Wallace, Bates, Agassiz, Wagley, Lévi-Strauss e outros. Suarez-Araúz também as classifica assim:

Amazonian literature may be classified into four categories: (1) Indigenous and mestizo oral literature; (2) the writings by the first chroniclers, explorers, and naturalists; (3) the literary creations from the nineteenth and twentieth centuries by outsiders to the region, including foreign authors drawn by the allure of the exotic environment of Amazonia; and (4) the writings by authors native to Amazonia. The first three categories have been widely published and have been the object of scholarly attention, both within Latin America and beyond it. In contrast, the creations by authors native to Amazonia have remained generally unknown (Suárez-Araúz, 2008, p.17n1).<sup>18</sup>

É relevante, pois, estimular a academia a incluir autores estrangeiros que tenham em suas obras textos que abordem a Amazônia como tema. O estudo da obra de Elizabeth Bishop não deveria ficar restrito aos limites das literaturas estrangeiras, neste caso, da Literatura Norte-Americana. Bishop, uma viajante por

---

<sup>17</sup> Esclarecemos que os exemplos referem-se aos autores da Amazônia brasileira. Porém, isso não quer dizer que os autores da Amazônia de língua espanhola não sejam estudados. Eles o são, especialmente os romancistas da escola do realismo fantástico.

<sup>18</sup> A literatura amazônica pode ser classificada em quatro categorias: (1) literatura oral indígena ou mestiça; (2) os escritos dos primeiros cronistas, exploradores e naturalistas; (3) as criações literárias dos séculos XIX e XX por autores não regionais, inclusive autores estrangeiros, atraídos pelos atrativos do exótico ambiente amazônico; (4) os textos de autores nativos da Amazônia. As três primeiras categorias têm sido amplamente publicadas e têm sido objeto da atenção de estudiosos, tanto dentro quanto fora da América Latina. Diferentemente dos textos escritos por autores nativos da Amazônia que, em geral, permanecem na sua grande parte desconhecidos.

excelência, cujos textos carregam o sentido da mobilidade e da errância, não pode ser excluída dos estudos da literatura de temática amazônica. Desse modo, esperamos que o presente estudo preencha esta lacuna.

Ressaltamos, entretanto, que nossa pesquisa sobre a passagem de Elizabeth Bishop pela Amazônia não é a pioneira. Devemos dar esse crédito à escritora e professora de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará, Maria Lúcia Medeiros, que, ainda na década de 90, iniciou o primeiro estudo sobre a viagem de Bishop à região<sup>19</sup>:

Venho de uma região onde a água está em toda parte. Presença constante, os rios cortam as cidades, conduzem e trazem de volta. Representam, para a maioria da população, expressão de vida, lugar de trabalho, possibilidade de mudança.  
[...] Elizabeth Bishop, poeta americana e pertencente a essa legião de ‘expatriados’ [a autora, anteriormente, refere-se a Wallace e Cendrars], se permitiu a peregrinação, o exílio, o mergulho em águas estrangeiras, movimento que possibilita a descoberta do outro, exercício de ausência e reflexão. O poema “Santarém”, escrito pouco antes de sua morte, fala do encontro das águas em viagem empreendida ao Norte do Brasil (Medeiros, 2008 [1993], p. 26).

[...]  
Gostei do lugar, gostei da ideia do lugar.  
Dois rios. Não eram dois os rios que corriam do Éden? Não, eles  
Eram quatro.  
E se dividiam em direções opostas.  
Aqui há dois apenas – em confluência –  
Mesmo se tivesse alguém tentado a dar interpretações literárias  
do tipo vida/morte, certo/errado, homem/mulher  
- tais noções tenderiam a resolver-se, dissolvidas, logo ali  
naquela surpreendente dialética de água.  
[...] (Bishop *apud* Medeiros 2008, p.31) [Bishop, 1990] [meus grifos].

Quando o viajante/autor escreve para o seu país de origem, relatando as suas experiências de viagem no estrangeiro, está exercendo uma forma de tradução. Hoje, com o avanço das comunicações via Internet, proliferam os blogs e foto-blogs, versões contemporâneas dos famosos diários de viagem, saltam das telas, em uma profusão babélica de línguas e em tempo real. Mesmo com toda a sofisticada tecnologia, vivemos um *boom* de publicações sobre viagens. Um dos mais promissores desse segmento são os relatos femininos de viagem.

---

<sup>19</sup> O estudo infelizmente não foi concluído devido a uma grave enfermidade que lhe reduziu os movimentos e lhe tirou a fala. À professora Lúcia Medeiros nosso reconhecimento.

Até o século passado essa categoria de literatura era território masculino. No entanto, com o avanço dos estudos pós-coloniais, deu-se uma virada feminina, não apenas com lançamentos, mas, até mesmo reedições de literatura de viagem escritas por mulheres. Também, na área dos estudos da tradução, o interesse em analisar culturalmente as narrativas de viagem femininas tem ampliado seu espaço nas revistas científicas especializadas. Especificamente sobre este tema, citamos o artigo “Collusion or authenticity: problems in translated dialogues in modern women’s travel writing” da pesquisadora Maureen Mulligan:

Is travel writing a form of translation? When a traveler goes to another culture and writes about her experiences there, is she performing a kind of translating act, enabling readers in the target culture to understand and gain access to a source culture that is not easily comprehended? Admittedly she is not translating a given written text, but she is implicitly claiming her right to render the ideas and speech of another, in a language that will be understood easily in her own culture. Through dialogues given as direct or summarized speech, she offers versions, adaptations or verbatim accounts of another’s language in a form which demands to be trusted as factual by the target culture, in the same way that we trust a professional translation (2007, p.323).<sup>20</sup>

Qualquer que seja a posição dos Estudos da Tradução, disciplina ou interdisciplina, devemos ter em mente que a sua função primária, pelo menos para os DTS, é estudar e mapear fatos culturais. Alguns termos geralmente empregados na área dos DTS são, em grande parte, metáforas espaciais como centro, periferia, transferência, troca, etc. Além dos já citados, utilizamos outros, que denotam sentido de proximidade ou distanciamento: doméstico, estrangeiro, intracultural, intercultural, contato, etc. Existe ainda mais uma categoria de palavras que tem sentido de deslocamento que, em regra, são usados nos estudos pós-coloniais: migração, exílio, diáspora, e outros.

Em geral, a ideia de deslocamento, países, topografia, leva-nos a pensar em mapas. Para Elizabeth Bishop, o mapa, além das suas atribuições práticas, era

---

<sup>20</sup> Seria a narrativa de viagem uma forma de tradução? Quando uma viajante vai para outra cultura e escreve sobre sua experiência local, ela estaria praticando um ato de tradução? Proporcionando ao seu público leitor, o entendimento e o acesso a uma cultura estrangeira que, de outro modo, não a entenderia facilmente? Admitamos que a viajante não esteja traduzindo um texto propriamente, mas que estivesse a exercer o seu direito de transpor as ideias e o discurso alheio, em uma linguagem que será entendida mais facilmente na sua própria cultura. Ao utilizar o discurso direto ou resumir os diálogos, a autora oferece versões, adaptações ou relatos dos acontecimentos da língua do “outro”, de forma que obriga o leitor da cultura alvo a aceitá-los como factuais e verdadeiros, da mesma forma que aceitaria uma tradução feita por um profissional.

como um texto, uma forma de representação que indicava lugares e, ao mesmo tempo, representava conhecimento antecipado do espaço a ser visitado, do que está por vir. Saber direcionar-se e posicionar-se no espaço era vital para Bishop. Pode-se dizer que esse era um dos aspectos em que a autora esperava ter domínio durante suas viagens. Para a escritora/viajante, o mapa e a bússola eram tão importantes quanto os seus cadernos de anotações: “As águas mapeadas são mais tranquilas que a terra... Topografia é imparcial; norte e oeste são iguais, /Mais sutis que as do historiador são do cartógrafo as cores”. (Bishop, 2001, p.12-15).

Para Elizabeth Bishop, a geografia, a topografia, o lugar ou a ideia de um lugar, eram mais importantes que a história do território. Dominar a arte de viajar e a arte de escrever poesias fez de Bishop uma observadora minuciosa para melhor descrever suas experiências de viagem. Afinal, a poesia-viajante de Bishop é nada mais que uma forma intensa, vívida e disciplinada de narrativa de viagem. Ainda sobre a natureza da viagem, comentam Machado & Pageaux que:

A viagem, na sua especificidade, toma-se uma espécie de *tema literário*, no qual é importante ver até que ponto ela pode estruturar um texto ou o imaginário de um escritor e quais serão os diversos aspectos e metamorfoses desse tema. [...] Todavia, desde já, queremos assinalar que para nós a viagem constitui também uma prática cultural; [...] Assim, a viagem é simultaneamente uma experiência humana singular, única, inconfundível para aquele que a Viveu, e um testemunho humano que se inscreve num momento preciso da história cultural de um país: o do viajante. [...] Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objecto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e, encenador da sua própria personagem (Machado & Pageaux, 2001, p.34).

Regina Przybycien (2001) define o comportamento de Elizabeth Bishop em relação ao Brasil como uma mistura de viajante, etnógrafa e *castaway*. Nossa abordagem de estudo sobre a viagem de Bishop à Amazônia é, de certa forma, semelhante á da professora paranaense. Assim é importante buscar elementos que nos informem como a Bishop norte-americana “lê” culturalmente o espaço amazônico e de que forma se relaciona com ele. Nossa “leitura” tal como a de Przybycien será “mais antropológica do que linguística”. Sobre Bishop e as características que lhe eram inerentes, diz a pesquisadora:

She seems to have embodied a little of each type: she was the untiring traveler who registered the particularities of the places she visited, the ethnographer who interpreted gestures, customs, social and race relations, and finally, the castaway who felt a sense of alienation and estrangement from the culture that surrounded

her and yet secretly feared that she might eventually “go native” (2001, p.62-63).<sup>21</sup>

Considerando esses pontos, creio que nossa pesquisa deve ser considerada uma nova forma de capturar os diversos papéis desempenhados por Elizabeth Bishop durante a sua viagem à Região Amazônica. O estranhamento que estudiosos e leitores da obra de Bishop experimentam diante de seus textos “amazônicos”, é, para nós, uma espécie de revelação e surpresa, pelo que a autora conseguiu externar em seus textos, com algumas leituras, fotografias e tão pouco tempo de viagem.

Neste capítulo, foi nossa intenção fornecer uma visão geral do percurso histórico do conceito de tradução e algumas concepções sobre equivalência tradutória. Assim como, introduzir as principais teorias dos Estudos da Tradução e seus respectivos pesquisadores, que dão suporte teórico a esta pesquisa. Procuramos também relacionar a tradução às outras áreas de conhecimento mencionadas neste capítulo. Verificamos que a interdisciplinaridade entre as teorias dedicadas à pesquisa do texto literário é uma realidade em razão dos inevitáveis cruzamentos de fronteira do mundo pós-moderno. Cada vez mais os estudos culturais e os estudos literários convergem para a questão da tradução que é vital para a comunicação entre as culturas. Neste cenário, vale destacar a mudança de concepção de equivalência tradutória, que passa a ser não somente no nível linguístico, mas no cultural, uma forma mais ampla de mediação.

No capítulo seguinte, apresentamos um painel histórico do discurso sobre a região amazônica, presentes nos textos de autores estrangeiros. Essa abordagem histórica é importante na medida em que esses autores ainda são citados em trabalhos contemporâneos de temática amazônica na área dos estudos sócio-culturais.

---

<sup>21</sup> Parece que Bishop incorporou um pouco de cada tipo: a viajante que registrava as particularidades dos lugares que visitava; a etnógrafa que interpretava gestos, costumes, relações raciais e sociais e, por fim, uma pária com aquela sensação de alienação e estranhamento em relação à cultura que a cercava e, nutrindo, em segredo, a apreensão de “virar nativa”.